tismo literário e artístico dos Antigos, com o que o espírito ficou mais livre para melhor apreciar a obra notável da Idade-Média. O classicismo era um parêntese (não o creio eu absolutamente) na história do desenvolvimento do génio nacional; era preciso fechá-lo e voltar ao veio fresco das fontes nacionais, ligando o presente com êsse remoto passado medieval.

Regressando às fontes nacionais, por onde à Idade-Média, aprendia-se a conhecê-la, e conhecendo-a a melhor a apreciar. Se bem que aqui o amor precedeu, em parte, o conhecimento: quanto a atitude humanística era naturalmente inclinada a menosprezar a Idade-Média, tanto a atitude de alma romântica era por instinto atraída para ela. Ganha a alma, ¿como ficaria hostil a inteligência? O amor, mais inteligente que a própria inteligência, advinhou...

Cultivando o individualismo, ¿como deixaria ainda o Romantismo de sentir instintiva simpatia por uma época que lhe aparecia, política e socialmente, « toute hérissée de libertés », como magnìficamente disse Montalembert, literàriamente como o reinado da fresca inspiração e máxima afirmação do génio nacional, artìsticamente como a livre expressão da fantasia?

Concorrendo contemporâneamente com o Romantismo, a escola de Augusto Comte forneceu àquela tendência de reabilitação, justificando-a, a justa fórmula filosófica e sociológica. Com a sua lei dos três estados, o Positivismo via na evolução humana um desenvolvimento orgânico: e portanto, a Idade-Média, que correspondia à última fase do período teológico, integrava-se, como uma grande época histórica, numa superior filosofia da história...

A ideologia histórica do Romantismo pode definir-se,

---

tième siècle, eux qui ne voyaient dans le christianisme qu'une superstition, dans son triomphe qu'un malheur, dans le moyen âge que l'ère de ce funeste triomphe étaient particulièrement impropres à retracer des grandeurs qu'ils niaient, des bienfaits qu'ils repoussaint, des événenements dont l'aboutissement les pénétrait d'une colère philosophique. Tout l'enchaînement historique est brisé: ce qui est effectivement un service paraît un desservice; ce qui est dans le vrai mouvement de la civilisation paraît y contredire; ce qui vient du passé et va à l'avenir paraît ne tenir ni à l'un ni à l'autre.

Leia-se, por exemplo, em Fueter, *Histoire de l'Historiographie moderne*, o livro IV (a historiografia do racionalismo), especialmente o artigo sôbre « a escola de Voltaire ».

talvez, nestes termos: dogma da nacionalidade, sentimento da vida, finalidade política. Para bem a compreender, faz-se mister considerar as condições políticas da sua formação: — o abalo profundo da Revolução francesa, e o movimento político do liberalismo. O abalo profundo da Revolução e a queda dos estados revolucionários por ela formados trouxeram o convencimento de que a organização dos povos era um produto histórico, não podendo a razão pura criá-la: a Revolução só causara ruínas, sem conseguir reorganizar uma sociedade nova (assim parecia), porque fôra um raciocínio político abstrato que pretendera refazer em novas bases a lenta criação dos séculos: cada povo desenvolve-se segundo uma lei interna de continuidade histórica, cujo sentido cumpre à história definir e à política realizar, considerando-se a Idade-Média como a época por excelência do desenvolvimento nacional independente. O liberalismo político, actuando no mesmo sentido, procurava fundar as suas reivindicações e direitos novos na história anterior da nação — mesmo (se não principalmente) nos tempos medievais, em que teriam florescido as liberdades nacionais.

III

A FALSA INDIVIDUALIDADE DA IDADE MÉDIA

> ... «l'inanité de ces deux conceptions absurdes: la chimère d'un MOYEN AGE et la chimère d'une RENAISSANCE».
>
> H.-S. CHAMBERLAIN.

Mas se os séculos chamados «medievais» não foram uma noite de dez séculos, ¿constituirão pelo menos, numa divisão scientífica da história, uma verdadeira época indivisa, que termina bruscamente com a Renascença? Haverá em rigor uma *idade média*?

Assim o pensaram e fizeram crêr os humanistas, que se propunham restaurar a Antiguidade clássica e cristã. Todos os tempos que os separavam dela eram vistos em conjunto

como uma época de decadência e barbaria. Eles iam fechar o parêntese...

Da Idade Média, porém, não se podem definir gerais características diferenciais, sem cair no risco de a destempo-rizar, por lhe atribuir em globo uma individualidade pouco harmónica com as diferenças particulares de cada período Quantos o tem tentado, se não sossobraram, dificilmente iludiram êste escolho.

Em vez da caracterização *in-abstracto* duma Idade Média quimérica, melhormente cabe aqui indicação das fases essen-ciais do desenvolvimento da Europa moderna nos tempos chamados «medievais», o qual se continua nos seguintes, com movimento contínuo ainda que não rectilíneo.

Três se devem apontar, como outros tantos períodos nìtidamente diferenciados.

O primeiro, que compreende os séculos V a X e se chamou já a *Prè-Idade Média:* é o período apocalíptico das invasões (que Littré considerava uma desgraça irreparável para a humanidade), no qual se encontram e lutam entre si os ele-mentos fundamentais do Mundo Moderno — romano, bárbaro e cristão —, através uma longa crise dolorosa, que o histo-riador belga G. Kurth tracejou magnìficamente nas *Origines de la Civilisation Moderne.* Êste período é em certo sentido o último período ainda da decomposição romana, agravada pelas invasões, como mostrou Kurth e depois Dufourcq (1).

O segundo, abrangindo os séculos XI a XIII, constituí-a o *período católico-feudal:* aí bateu plenamente o coração dessa idade heróica; então se formaram quási todos (Guizot (2) diz todos) os elementos essenciais da civilização europeia; Carlyle, depois de A. Comte, admirou nela o «sublime cato-licismo! a nobre feudalidade!» como «a mais elevada coisa» que a nossa Europa ainda fez; (3) a sua aliança era tão íntima que o papado e o império pareciam os dois grandes pilares do mundo (as «duas metades» lhes chamou Dante):

---

(1) Kurth, *Les Origines de la Civilisation Moderne*, 6.ª ed., p. 307; Dufourcq, *L'Avenir du Christianisme*, t. I[6] Religions païennes et religion juive comparées, p. XXX e XXXIV.

(2) *Histoire de la Civilisation en Europe*, 8.ª lição.

(3) *Les Héros*, trad. Izoulet, 11.ª ed., 1918, pag. 10.

Le pape et l'empereur! ce n'étaient plus deux hommes.
Pierre et César! en eux accouplant les deux Romes,
Fécondant l'une et l'autre en un mystique hymen,
Redonnant une forme, une âme au genre humain,
Faisant refondre en bloc peuples et pêle-mêle
Royaumes, pour en faire une Europe nouvelle,
Et tous deux remettant au moule de leur main
Le bronze qui restait du vieux monde romain! (1)

O terceiro, ou sejam os séculos XIV e XV, deve considerar-se, (e é geralmente considerado depois da obra célebre de Le Clerc e Renan (2) como de *decomposição do sistema feudal*: define-se o progresso da autoridade real, que construirá hàbilmente o estado moderno, como o bicho da seda o seu casulo; a burguesia, produto do silencioso progresso social do período anterior, afirma-se como uma ordem política, entrando nas assembleas nacionais; diminui a influência omnipresente da Igreja, com passar em Avinhão a «capelão do rei de França» o juiz supremo da Cristandade, sem falar noutras causas agora; mas, antes do fim, o Dante, que Carlyle canonizou como *santo da Poesia*, a ponto de declarar impiedade tocar nele, será a «voz de dez séculos silenciosos», o inimitável cantor do «pensamento de que se vivia então»... (3)

Este período foi chamado por A. Dufourcq *período da desorganização individualista* — que com toda a razão o prolonga até 1527, pois que o Humanismo e a Reforma são os momentos supremos desta evolução (4).

Não há uma linha nítida de demarcação entre os tempos «medievais» e os tempos da Renascença e da Reforma: estes são a continuação daqueles, e aqueles preparam estes.

O Renascimento não foi, como pensava Rabelais (e, depois

---

(1) Victor Hugo, *Hernani*, act. IV, sc. 2.ª

(2) *Histoire littéraire de la France*, t. XXIV (De l'histoire des lettres et des beaux arts pendant le XIV me siècle en France). Augusto Comte já tinha largamente defendido êsse ponto de vista na lição 55.ª do seu *Cours Philosophie Positive*.

(3) *Les Héros*, pág. 135 e seg.

(4) *L'Avenir du Christianismo. Histoire Moderne de l'Église. VII Le Christianisme et la désorganisation individualiste* (1294-1527) (obra coroada pela Academia).

dele tantos críticos da história, tão pouco... críticos) a súbita irrupção da luz após a densa « noite gótica »; nem veio catastròficamente, segundo imaginaram os românticos, interromper o desenvolvimento histórico da Europa, como se se cortasse uma flor ainda em botão.

É hoje logar comum em crítica histórica ter como de dissolução do regime feudal os séculos XIV-XV, não repugnando a Zeller, por exemplo, que « com o século XIII, acaba a verdadeira Idade-Média » (1). As origens da Renascença e da Reforma perdem-se nesses tempos, e, se mais cedo não foram descobertas, não é porque não existissem.

No terreno religioso, o « império da sociedade é arrebatado ao vigário de Jesus-Cristo », como diz Kurth (2), e se o Christianismo é ainda a fé « de que se vivia então », a sociedade evoluciona para a sua laïcização. O cativeiro de Avinhão (1305-1378) e o grande scisma do ocidente (1378-1418) enfraquecem o prestígio do papado; os concílios de Constança (1414) e de Basileia (1431) esforçam-se por o organizar em monarquia constitucional; o misticismo, com os *Fraticelli* e *Espirituais*, procura directamente possuir Deus, dispensando o sacerdócio como intermediário autorizado; Wiclef (†1384), João Huss (†1415), e Jerónimo de Praga (†1416) lançam-se abertamente na heresia, preludiando Lutero, com menos felicidade, porém.

No terreno político, o Estado leigo servido pelos doutores «das regras» eleva-se «como um gigante, em face do papado, que provoca a um duelo sem tréguas», (3) até que, triunfando, nos séculos XV e XVI edifica sôbre as ruínas do mundo feudal a máquina harmónica das grandes monarquias modernas. As universidades de Bolonha e Montpellier, como cultoras mais principais do direito romano cesarista, são os grandes laboratórios do novo mundo político, pois que, se

---

(1) *Recueil de Rapports sur les progrès des lettres et des sciences en France*, 1867, *Epoque du moyen âge*, pág. 193.

Esta opinião é hoje corrente. Lanson, por ex., repete-a quási nos mesmos termos, num livro que com ser muito elementar é apreciável, *Histoire de la Littérature française*, 14.ª ed., pág. 141.

(2) *L'Eglise aux tournants de l'histoire*, 5.ª ed., Bruxelles, 1913, pág. 89.

(3) Kurth, *obr. cit.*, pág. 89.

toda a grande revolução se faz em nome das ideas, aquelas o continham como o ôvo a novo ser. O drama tem vários actos, sendo sem dúvida logo o primeiro, entre Filipe o Belo e Bonifácio VIII, um dos mais empolgantes, mas os episódios da luta do rei com os senhores feudais não carecem também de interêsse.

No terreno artístico, o esplendor da Renascença não é um produto da Antiguidade, se bem que esta lhe imprimisse seu carácter, mas a conseqüência dos progressos da técnica e dum movimento realista que vinham de longe. Durante a Idade Média e sobretudo a partir do século XIII, o progresso artístico foi constante, criando-se na Borgonha a delicada flôr da arte fora de toda a influência clássica, por mãos devotas de artistas escultores como Claus Sluter (1389-1405), e pintores como os irmãos Van Eyck. A Itália, cujos primitivos avultam cada dia mais na admiração dos modernos, desenvolveu-se sob a influência da arte setentrional, cujas invenções de técnica aproveitou, como a arte da pintura a óleo, e na primeira escola duma sã imitação da natureza, à ponto que os grandes artistas do século XV, pôsto já sejam influenciados pelo antigo, são ainda e principalmente os discípulos daquela tradição.

Nos demais ramos da actividade humana se verifica o mesmo facto, saindo a chamada «época moderna» dos tempos anteriores como o fruto da flôr: os grandes descobrimentos geográficos, que revelaram ao mundo novos mundos, são a coroação das porfiadas expedições marítimas no Mar Tenebroso, ao cabo dum século «medieval»; as invenções que transformaram as condições do mundo, a imprensa e a pólvora, foram realizadas na «noite de dez seculos»; as origens «medievais» do saber do século do Renascimento são, porque melhor conhecidas, dia a dia mais afirmadas, já hoje podendo concluir-se que, se a frase «a ignorância da Idade Média» tem sentido, é porque deve entender-se nestes termos: «a ignorância em que nós estamos a respeito dela»... (1)

---

(1) É sobretudo notável a monumental obra de Duhem, *Le Système du monde. Histoire des doctrines cosmologiques de Platon à Copernic.* 5 vol. publ., 1913-1917.

Através de todas estas fases desenvolve-se sucessivamente (sem parar nas «modernas» seguintes) a «Civilização nova», como lhe chama Chamberlain, (1) que surge dentre as ruínas do mundo antigo, e irá sucessivamente despindo as formas transitórias de que a reveste cada época, como uma borboleta que nunca acabasse de atravessar o ciclo de metamorfoses.

A velha concepção da unidade da chamada «Idade Média» não corresponde a um facto histórico, e justo é capitulá-la de vã «quiméra» (2). E senão recordemos: a primeira fase bárbara é a longa agonia ainda do mundo romano e a aurora do novo, («as vizinhanças do ano mil marcam — disse Dufourcq — o crepúsculo da *antiguidade* e a aurora dos *tempos modernos*»); a terceira é já de crise e continua-se no Humanismo e na Reforma — é a desorganização individualista; e a segunda antolha-se-nos a era de mais vigorosa criação e síntese que, depois do Império Romano a história tem visto — é a forte e nobre Cristandade.

Além de erradamente fazer dos séculos anteriores à Renascença um bloco único, a concepção da unidade da Idade Média desmembra artificialmente a continuidade da história e civilização cristã. Opôr uma «Idade Média» aos «Tempos Modernos» equivale a scindir o orgânico desenvolvimento da Europa; tempos *modernos* rigorosamente são todos aqueles em que sôbre as ruínas do mundo antigo se criou e desenvolveu uma civilização nova — a civilização de que Guizot escreveu pela primeira vez a história.

Com a Renascença não parou de crescer e florir a árvore acolá plantada, embora muitos ramos tenham possìvelmente secado: — no século XII e XIII nos vários ramos da vida, produzindo-se uma maravilhosa floração, a ponto que Fiske chamou ao século XIII o «século glorioso»; nos séculos XIV e XV, no domínio social e industrial; nos séculos XV e XVI, na geografia, nas letras e nas artes; nos séculos XVI e XVII, no campo da sciência e da política; nos séculos XVII e XVIII, na filosofia... A evolução económica, política, artística, não se interrompe, para começar um ciclo novo.

---

(1) *La Genèse du XIX.me siècle*, trad. de Godet, 1913, t. I, pág. 9.
(2) Dufourcq, *obr. e lug. cit.*

Melhor avisado mas igualmente radical, Chamberlain propõe de toda a história cristã uma divisão binária, com que repudia enèrgicamente a «quimera» da individualidade da Idade Média em favor da unidade da civilização europeia: — o período das *Origens* ou de fermentação entre as fôrças que perpetuam o passado e as que prepararão o futuro — e o da *Formação gradual dum Mundo novo*, que articula ao primeiro em tôrno do fulcro do ano de 1200, momento simbólico da decisão do conflito travado entre as duas categorias de fôrças... (1).

Pois que está consagrado, chame-se muito embora Idade Média ao período que decorre do século V ao século XVI, contanto que se advirta que, se se pensa que há realmente uma idade *média*, isso «não é dissecar o organismo da história como anatomista, mas estroncá-lo à maneira de magarefe» (2).

IV

IDADE MÉDIA E IDADE MODERNA

> ... ces deux siècles — coeur de la civilisation du Moyen Age.
>
> ... au point de vue philosophique c'est le XIIIe siècle qui est le siècle royal ...
>
> ... au point de vue général de la civilisation le XIIe siècle est un siècle créateur et constructeur.
>
> ... Partont éclate une sorte d'équilibre, de stabilité. Les hommes sont fiers de la façon dont ils ont organisé l'existence, ils croient de bonne foi avoir conduit l'humanité à un stade décisif et fait pour durer.
>
> MAURICE DE WULF.

Não pode, opôr-se uma irreal «Idade Média» a tempos modernos — que começam com a nossa civilização. O que pode é falar-se do regime católico-feudal como o coração dos tempos chamados «medievais». Êsse período da «organiza-

---

(1) *La Genèse du XIX.me siècle*, t. I, pág. 7 e seg.

(2) Chamberlain, *obr. cit.*, pág. 11.

ção feudal» é um dos períodos mais fecundos da história do mundo.

Burckhardt (1) achou que o traço característico dessa idade foi a submissão da consciência individual a uma disciplina inflexível, — ao que acrescentarei que isso não era incompatível com a liberdade, variedade e originalidade da civilização «medieval».

Saída do «cáos étnico» em que desabou o império romano, a sociedade cristã fez um enérgico esfôrço para se organizar sob a direcção da Igreja.

O indivíduo só é forte e triunfa associado, *vae soli!* Fortes instituïções reúnem todos os indivíduos e submetem-nos à mesma disciplina; mas se o espiritual é a alma do temporal, como dizia Carlyle, mais curiosa de ver é a sociedade das almas, todas subjugadas pelos mesmos altos princípios, que lhes imprimem assim um carácter comum.

O período católico-feudal aparece-nos como uma grandiosa síntese, como viu o historiador da filosofia Wulf (2), realizada porventura ainda melhor em princípio que na prática.

Síntese internacional — a Cristandade, ou a república de todos os povos cristãos: pois que a Igreja, como escreveu Zeller, «choca debaixo das suas asas, então poderosas e fecundas, a civilização da Europa cristã» (3); é ela que é a grande pátria, as nações são províncias. Há então, feito realidade, um ideal colectivo, uma consciência comum, uma unidade efectiva: o coração do mundo bate em Roma, cuja lei é a lei geral, o mais são costumes: o papado, tribunal supremo da Cristandade, dirige superiormente a Europa, e os povos elevam-se à sua voz, como se fôssem um só homem: a consciência da solidariedade de todas as nações cristãs assegura a paz interna, a defesa comum e o desenvolvimento homogéneo da mesma civilização.

Síntese político-social. Ainda que distintos, e a despeito

---

(1) *Die Kultur der Renaissance in Italien.* — Cf. Gebhart, *La Renaissance italienne. et la philosophie de l'histoire.*

(2) *Civilisation et Philosophie*, na—*Revue de Métaphysique et de Morale*, 1918, pág. 273 - 283.

(3) *Recueil de rapports sur les progrès des lettres et sciences en France.* 1867, Epoque du moyen age, pág. 88.

das suas lutas, o poder civil e o poder religioso coadjuvam-se mùtuamente, pertencendo, segundo Comte, «à Igreja a educação, ao Estado a acção», como se, na linguagem escolástica, um fôsse a forma e outro a matéria. As classes dispõem-se hieràrquicamente englobando o indivíduo, o sistema feudal os mais fracos por um regime recíproco de direitos e deveres, a comuna, que foi a célula de organização do terceiro estado, os burgueses, a que assegura protecção e dá fôrça, a corporação os mestres de artes e ofícios . . .

Síntese interior, cuja expressão mais perfeita é certamente a *Summa* de S. Tomás de Aquino. Visto como o mundo exterior foi concebido à imagem do interior, logo se vê a hierarquia harmónica do espírito: — a teologia proclamada raínha das sciências, iluminando, dominando tudo; a filosofia (que se constitui aliás independentemente) subordinada àquela, *ancilla theologiae*, mas ambas tranqüílas na sua respectiva esfera, apoiando-se mùtuamente em vez de se excluírem. A fé cristã inspira todas as instituïções e compenetra fortemente a sociedade do sentimento dos Direitos de Deus sôbre ela. A autoridade reveste aos olhos de todos como que uma espécie de prestígio místico. O interêsse público impõe-se a todos os espíritos com primazia sôbre o privado.

Se alguns tempos tem de ser julgados de crise, são certamente os «tempos modernos», como pensava Carlyle. «São tempos de revolução, os nossos, e são-no desde há muito tempo», — pois que no Protestantismo êle via «a grande raiz» donde saíu toda a subseqüente história europeia, desdobrando-se em três actos, ou antes, espasmos — a Reforma, o Puritanismo, e a Revolução.

Nestes séculos de transição, em que a civilização da Idade Média declina, não há todavia lugar — pensa êle — para ver, como a Lucrécia de Shakespeare, a irremissível sentença de morte do nosso mundo: «então o pálido cisne, no seu ninho de lágrimas, começou o triste canto fúnebre da sua morte . . .». O pensador inglês entrevê antes a elaboração lenta dos «Tempos modernos e . . .». Quem poderá revelar o segredo do futuro? (1)

---

(1) *Les Herós*, trad. por J. Izoulet, 11.ª ed., 1918, pág. IX-X e XXVI e seg. — Carlyle vê na evolução histórica da Europa o desenvolvimento de

Começada no século XIV, a crise do mundo «medieval» é manifesta no século XVI.

O Humanismo dissolve a harmonia da teologia e da filosofia, deixando-se seduzir pelas miragens do racionalismo e pelas tentações do naturalismo — e a alma moderna ainda não encontrou a paz (tendo perdido a confiança na razão) da alma cristã «medieval».

O absolutismo enfraquece o sentimento da unidade cristã, consumindo os reis seus povos em «feas guerras» sem ideal, por motivo de rivalidades de domínio,

«não contra o superbíssimo Otomano».

A Reforma quebra de vez a Cristandade, dividindo a Europa em duas Europas inimigas (e ainda a Europa protestante recortada de confissões), no momento em que era mais difícil civilizar e descobrir novos mundos.

A ponto chegaram as coisas, que, neste nosso mundo «caótico, anárquico» (1), o problema se põe hoje como na mente perturbada do Hamlet — de ser ou não ser...

---

três civilizações sucessivas, que designa assim: *Antiguidade e Paganismo, Idade Média e Cristianismo, Tempos modernos e...* e outro nome que êle não sabe ainda qual seja. Naturalmente, estas civilizações são separadas por longas épocas de transição, sendo a nossa uma delas. A crise de dissolução da Europa «medieval» data-a obscuramente do século XIV e manifestamente do século XVI.

Carlyle não é nisto inteiramente original. Já antes, expressamente ensinara a existência desta crise Augusto Comte, através a estirada lição 55.ª do seu *Cours de Philosophie positive*, Baillière, 1869, t. V, da qual basta dar o sumário: — *Apreciação geral do estado metafísico das sociedades modernas: época crítica, ou idade de transição revolucionária. Desorganização crescente, primeiro espontânea e a seguir cada vez mais sistemática, do conjunto do regime teológico e militar.*

Com uma filosofia da história diversa, porque católica, perfilha a mesma maneira de ver quanto ao carácter «revolucionário» e «provisório» (são adjectivos de Comte) dos tempos «modernos» e especialmente da Renascença o historiador belga Kurth, em *Qu'est-ce que le moyen age* (col. *Science et Religion*, n.º 374), pág. 46.

Igualmente Chamberlain, ainda que com pontos de vista diferentes, *La Genèse du XIX.me siècle*, I, pág. 12.

— No que diferem, especialmente os dois últimos autores, e nós com eles, é em considerar a crise «moderna» a crise de formação duma civilização *diversa*.

(1) Lavisse, *Le Temps*, 14 de agosto 1915.

V

A IDADE MÉDIA NA HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

> Il y a une ligne de faîte qui partage en deux versants l'histoire de l'humanité, c'est celle qui porte à son sommet la croix de Golgotha. Porquoi? Parce que c'est là qu'a retenti le *Fiat Lux* d'une seconde création, c'est de là qu'est descendue sur le monde la loi nouvelle d'une civilisation nouvelle. .
>
> KURTH.

Os tempos chamados «medievais», e especialmente os séculos que constituem o seu coração, aparecem-nos como o criador período de «formação da Europa moderna». Alguém já chamou à Idade Média «o tempo das sementeiras para o mundo moderno» (1). E se bem atentarmos nos princípios fundamentais da nossa civilização, havemos de reconhecer que lá nasceram, sob o influxo do Evangelho.

O que constitui a unidade duma civilização é o que Carlyle chamaria de boa mente a sua «alma»: quero dizer, os princípios morais que a informam, a concepção da vida, o ideal que dirige a actividade humana (2).

Spengler, para exprimir isto, emprega uma linguagem escolástica: é a *cultura* que dá a «forma» ao corpo social, o homem é a «matéria» (3). Cada cultura tem a sua forma própria: as suas próprias ideas, sentimentos, e paixões. Uma civilização dada é como que o resíduo duma certa concepção da vida.

---

(1) Kidd, *L'Évolution Sociale*, trad. de Le Monnier, 1896, pág. 45.

(2) Os alemães traduzem isto pelos termos *Weltanschauung* e *Kultur*. Significam estas palavras o estado íntimo das almas, o coração do coração. Quando o que elas significam se transforma substancialmente, começa porventura uma civilização nova; a antiga é que morreu. Partindo dêste facto, é que Spengler, por exemplo, anuncia a ruína da civilização ocidental na sua obra *La Decadencia de Occidente. Bosquejo de una Morfologia de la Historia Universal*, trad. espanh. de Morente.

(3) *Obr. cit.*, vol. I, 1925, pág. 38.

Ora a cultura da nossa civilização é ainda, a-pesar da «crise moderna», uma cultura cristã, e esta formou-se em séculos «medievais». Para bem sentir quanto ela está no fundo das nossas instituïções e do nosso pensamento, é preciso fazer a experiência que fizeram contemporâneamente dois nihilistas intelectuais, Ernesto Psichari e Jorge Valois, em face de duas civilizações diversas, a muçulmana e a do Extremo-Oriente. O contraste dos diferentes modos de pensar e sentir revelou-lhes a sua alma europeia e cristã e reconciliou-os com ela (1).

Numa palavra, a civilização *moderna* começa precisamente no que se chama a Idade Média, e esta civilização é aquela em que nós vivemos e de que vivemos ainda.

Á imitação de certo filósofo francês, o passado pode considerar-se, consoante a sua eficiência histórica, como passado-*passado*, passado-*presente*, e passado-*futuro*: — passado-*passado*, ou aquele que, expressão efémera de certas condições desaparecidas, com elas desapareceu; — passado-*presente*, ou o que, já hoje inadequada expressão da vida, ficou todavia na base do desenvolvimento histórico, como um estrato geológico na formação da crusta terrestre; — e passado-*futuro*, ou êste que, mergulhando em tempos idos as suas raízes ainda vivas, sem solução de continuidade se desenvolve na série dos tempos por vir, semelhante a um germe.

Na Idade Média há de sobra com que justificar cada um dêstes pontos de vista, mas ela só pode ser integralmente compreendida, integrando-os todos.

A Idade Média aparece-nos como um passado morto, quando nela se considera apenas a expressão transitória das condições peculiares e exclusivas dos tempos «medievais», (e já se notou que, relativamente a esses dez séculos, a expressão «Idade Média» carece de sentido, ou se lhe liga um errado). Esses tempos desapareceram com tudo o que tinham de condição particular e privativa.

Mas na Idade Média há mais do que isso. Melhor se representa como um passado-estrato ou presente, para indicar uma fase do desenvolvimento da Europa. Dir-se há justa-

---

(1) Psichari, *Voyage du Centurion*, 1916; Valois, *D'un siècle à l'autre* 3.ª ed., 1922.

mente que é a época dos alicerces do Mundo Moderno. É ela a base em que assenta o nosso mundo.

E há ainda uma herança viva medieval, com que justificar uma concepção dinâmica. Após o Cáos que seguiu a catástrofe das invasões, a Idade Média organizou novamente, sôbre as ruínas do Mundo Antigo, a marcha triunfal da civilização. Foi ela que elaborou os princípios fundamentais da nossa civilização. Um indivíduo só morre, quando perde a alma que o anima: a alma da nossa civilização criou-se então.

Herdeiros de tantos séculos, se como Chamberlain quisermos averiguar a origem do nosso património, haveremos de reconhecer com Nisard (1) que «o que há de mais vivo no presente, é o passado», — eu direi, a Idade Média.

A morte e a vida andam associadas em tudo que é humano. Nem tudo morreu da Idade Média: — fazendo o exame crítico do património de civilização que herdamos, haver-se há de reconhecer que daquela nos vieram as suas bases fundamentais. É o que aliás afirmaram há muito Comte e Guizot (2).

Toda a história cristã assemelha-se assim a uma catedral gótica imensa, cujos arquitectos não viram nunca o têrmo da vasta máquina que na sua ousada mente tinham sonhado, e debaixo de cujos muros, sempre «imperfeitos» como as capelas manuelinas da Batalha, se sucedem as gerações de operários; os alicerces e a traça ambiciosa do edifício perdem-se na «noite» da Idade Média; a Renascença, a Reforma e a Revolução sucessivamente o tem continuado, sem lhe destruir as traves mestras.

Com todos os retoques do tempo, o palácio da civilização nova vai-se desenvolvendo, alargando. Alguns acrescentamentos pareceram um momento abalar os alicerces, mas

---

(1) Cit. por Lamarzelle, *L'anarchie dans le monde moderne*, 1919, pág. XXI.

(2) Um éco interessante, em Portugal, do problema sôbre «o lugar da Idade Média na história da civilização», foi a discussão travada em 1873 entre Oliveira Martins, que defendia a tese de que a Idade Média *marcava um retrocesso*, Antero de Quental, que defendia a tese de que era uma *crise de desenvolvimento*, e o dr. Júlio de Vilhena, que defendia a tese de que era um *período orgânico de criação e progresso*. (Cf. *A Edade Média na História da Civilização. Polémica entre...*, 1925. Parceria António Maria Pereira, Lisboa).

a experiência histórica tem demonstrado que êles são indestrutíveis: a sua ruína seria a ruína do edifício.

Poder-se há ainda pensar que outros se assemelham na estética da obra a *pastiches*, como os remendos de novo estilo que os modernos fizeram sem critério nas velhas catedrais: mas, se assim é, o futuro os fará cair... Tais, por exemplo, as reformas e acrescentos neo-pagãos, que datam sobretudo do século XVI.

Que, afinal, antolha-se-nos justa a concepção que de toda a história moderna formulou Kurth, elevando-se a alturas filosóficas donde desaparecem as diferenças acidentais dos séculos: «Há uma linha suprema que divide em duas vertentes a história da humanidade: é a que tem no seu cume a Cruz do Gólgota. Porquê? Porque aí ecoou o *Fiat Luz* duma segunda criação, aí desceu sôbre o mundo a lei nova duma civilização nova» (1)

Em resumo:

A divisão da história em *antiga*, *medieval* e *moderna* é um produto do Humanismo e não corresponde a uma concepção scientífica da história.

A divisão da história cristã em «Idade Média» e «Idade Moderna» é uma sobrevivência anacrónica, que não corresponde ao desenvolvimento orgânico e unidade da nossa civilização. Tempos *modernos* são todos aqueles depois que sôbre as ruínas da Antiguidade se elaborou uma civilização nova, cuja cultura é cristã.

A noção de «Idade Média» não corresponde a uma realidade histórica. Os séculos «medievais» não são um parêntese na civilização, como queriam os humanistas e enciclopedistas; pelo contrário, especialmente os séculos XII e XIII, que constituem o «coração da Idade Média», são séculos de fecunda criação.

É na Idade Média que se elaboraram os princípios fundamentais da nossa civilização. De sorte que a Idade Média é antes o comêço dos tempos modernos.

Continua.

DR. GONÇALVES CEREJEIRA.

(1) *Qu'est-ce que le moyen age*, pág. 56.